

APRENDENDO A PREPARAR A CRIANÇA PARA ENFRENTAR SITUAÇÕES DIFÍCEIS E/OU DESCONHECIDAS *

*Edelia del Pilar Neira Huerta***

NEIRA HUERTA, E. del P. Aprendendo a preparar a criança para enfrentar situações difíceis e/ou desconhecidos. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 17(1):27-32, 1983.

Este trabalho apresenta algumas considerações sobre a importância do estudante de enfermagem aprender a preparar a criança para enfrentar situações difíceis ou desconhecidas. A autora focaliza sua experiência docente junto aos alunos do Curso de Graduação em Enfermagem em estágio em Pronto-Socorro Infantil. Expõe como percebe o aluno e seu aprendizado no preparo da criança para essas situações. Descreve como ela facilita este processo de aprendizagem: proporcionando ao aluno um clima de compreensão, respeito, confiança e liberdade para sentir, refletir e agir.

PORQUE E PARA QUE APRENDER A PREPARAR A CRIANÇA PARA ENFRENTAR EXPERIÊNCIAS DIFÍCEIS

Por experiência própria, todos nós sabemos que o medo do desconhecido constitui uma das fontes de grande sofrimento para o ser humano em qualquer etapa da vida. Este sofrimento é particularmente intenso na criança que, por estar em desenvolvimento possui recursos limitados para enfrentar sozinha as situações desconhecidas de sua vida diária, como "ganhar um irmãozinho", freqüentar a escola pela primeira vez ou receber assistência de saúde.

A criança que recebe esse tipo de assistência, seja para manter e proteger a saúde ou para recuperá-la, enfrenta necessariamente situações desconhecidas ou difíceis para ela. Por exemplo, o controle de saúde da criança sadia pode incluir exame físico ou imunização, que podem ser ameaçadoras para ela.

A hospitalização aumenta consideravelmente o número e a intensidade destas experiências para a criança. De fato, além da difícil experiência que representa vivenciar a doença, a hospitalização obriga-a,

* Trabalho apresentado na III Jornada Nacional de Enfermagem Pediátrica e 13º Encontro de Enfermeiras Pediátricas, promovido pela Associação Brasileira de Enfermagem, Guarujá-SP., 1982.

** Enfermeira. Auxiliar de Ensino do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo — disciplina Enfermagem Pediátrica.

não somente, a enfrentar a separação de sua família, em um ambiente estranho e ameaçador, com rotinas que não lhe são familiares, como também a enfrentar sem número de experiências assustadoras e às vezes de dor, decorrentes da necessidade de diagnóstico e/ou tratamento, tais como colheita de amostras para testes de laboratório, exames com aparelhos desconhecidos (otoscópio, aparelho de raios x, eletrocardiógrafo), tratamentos médicos e cirúrgicos.

O principal objetivo da nossa assistência à criança é proteger e favorecer seu desenvolvimento integral. Daí a importância de aprendermos a oferecer à criança recursos que a ajudem a enfrentar da maneira mais sadia possível o que não pode ser evitado; a proporcionar-lhe recursos que lhe facilitem a percepção da experiência e a dar-lhe o apoio que lhe permita expressar de forma segura e de acordo com seu nível de desenvolvimento, as emoções decorrentes da mesma.

Somente quando tivermos aprendido a fazer isto, seja para dar assistência direta à criança ou para orientar outros, funcionários ou responsáveis pela criança, sobre quando, porque e como fazê-lo, estaremos em condições de proteger e favorecer o desenvolvimento mental e emocional da criança.

Nesta oportunidade, não me deterei em como preparar a criança, já que é vasta a literatura existente tanto em relação aos princípios científicos que devemos observar, como a respeito do material e métodos que podemos utilizar nesse preparo, mas sim sobre as pessoas que aprendem e da forma que elas aprendem a preparar a criança para estas experiências.

QUEM APRENDE E COMO APRENDE

Somos duas pessoas envolvidas nesta aprendizagem. A primeira é o meu aluno.

Quem é meu aluno? Como o percebo?

Percebo meu aluno como:

— um ser humano com potencial de detectar e sentir suas necessidades e problemas e que é capaz de refletir e agir construtivamente na solução dos mesmos;

— uma pessoa em processo de amadurecimento, e que portanto tem necessidades, problemas e limitações decorrentes deste processo, além de experiências anteriores próprias;

— como um todo, constituído de sentir, pensar e querer, aspectos que devem crescer juntos e em harmonia para produzir uma pessoa íntegra como resultado.

A segunda pessoa envolvida neste processo de aprendizagem sou eu. Eu também aprendo; aprendo sobre meus alunos, porque cada um deles é único e diferente; e desde que cada situação em que é necessário

preparar uma criança, para enfrentar uma experiência desagradável, é uma situação diferente e única, também aprendo sobre esse preparo.

Qual é o meu papel como educadora, o meu papel como docente da disciplina Enfermagem Pediátrica?

Como docente desta disciplina, não me percebo “transmitindo” conhecimentos ao meu aluno; pelo contrário, percebo-me buscando o conhecimento junto com ele, toda vez que ambos nos inserimos na realidade concreta. Percebo-me mostrando-lhe que estou com ele na sua aprendizagem, percebo-me facilitando-lhe seu aprender, e é com isso que me preocupo: *com ajudá-lo a aprender.*

COMO AJUDO MEU ALUNO A APRENDER? E, COMO ELE APRENDE?

Numa tentativa de exemplificar este processo, relatarei a minha experiência de como meu aluno aprende, e de como eu o ajudo a aprender a preparar a criança para receber medicação injetável em Pronto-Socorro Infantil.

Primeiramente mostro ao aluno a planta física da unidade, seguindo os passos que a criança e o responsável por ela devem dar, quando solicitam assistência. Ao fazer isto, sou eu mesma, uma pessoa autêntica, e me esforço em comunicar meu respeito, minha confiança e aceitação à pessoa que nele percebo. Dou-lhe toda minha atenção, procurando comunicar-lhe a minha disponibilidade e interesse em ajudá-lo.

A seguir, eu procuro levá-lo a sentir-se à vontade dentro da unidade, isto é, a fazer aquilo que para ele for melhor; em outras palavras, dou-lhe liberdade para decidir se prefere observar ou agir dando algum cuidado.

Comunico-lhe que ficarei na unidade desempenhando outras atividades e que em qualquer momento estarei à sua disposição. Desta forma, dou-lhe também a liberdade de recusar ou aceitar a minha presença naquilo que resolver fazer.

Comunico-lhe, também, o meu desejo de conversar com ele sobre suas impressões a respeito deste primeiro dia no Pronto-Socorro, ainda dentro do horário de estágio, e combinamos uma hora para isto.

Deixo-o a sós e me dedico a outras atividades como obter informações sobre as crianças que nesse momento estão sendo atendidas, atender às mães que solicitam orientação ou atender a outros alunos.

Geralmente meu aluno se dedica a observar sozinho as diferentes atividades desenvolvidas na unidade, em especial as atividades na sala de medicação.

No horário combinado nos reunimos. Geralmente ele inicia o diálogo. Se necessário eu o estimulo:

— “Como foi? Como está se sentindo?”

Ele verbaliza: “Fiquei a maior parte do tempo na sala de medicação... é importante aprender técnicas... como enfermeiro serei cobrado...”

Eu observo sua aparência, postura, suas expressões faciais, seus comportamentos; presto atenção à sua comunicação verbal e tento ajudá-lo a se explorar, dizendo por exemplo:

— “Você gostaria de ter habilidade nessas técnicas para não *ser cobrado* quando for profissional?”.

— “Gostaria... mas em criança é diferente, as doses são mínimas... nem sempre injetam no mesmo local... algumas crianças são tão pequenas e magrinhas...”.

Respeito seus silêncios: tento sentir o que ele sente; reflito sobre minhas observações e tento compreender tanto seus sentimentos como o conteúdo e o significado de sua comunicação verbal.

Na medida em que o compreendo, mostro-lhe a minha compreensão com a intenção de ajudá-lo a se explorar cada vez mais profundamente, a se compreender e a verbalizar suas necessidades, seus problemas e limitações, dizendo:

— “Está preocupado porque lhe parece difícil aplicar injeções em crianças?”

— “Estou... com adultos sempre fico ansioso; posso pegar um vaso ou um nervo... já me aconteceu de pegar uma veia”.

Não o julgo, nem o critico. Em lugar disso tento comunicar-lhe, através do meu comportamento verbal e não verbal, a minha aceitação e o meu interesse na sua pessoa (no seu crescimento como uma pessoa íntegra) independente das deficiências, fraquezas ou emoções que esteja mostrando. Digo-lhe:

— “Acredito que isso acontece com muitas pessoas... já aconteceu comigo”.

Ele prossegue: “Na verdade, quero tentar... mas tenho medo de não fazer direito”.

Meu aluno compreendeu e verbalizou sua necessidade e suas limitações em relação à administração parenteral de medicamentos à criança, e verbalizou também a sua vontade de ter experiências a esse respeito.

De acordo com a sua compreensão, ele agora solicita aquele ou aqueles recursos que o auxiliarão. Geralmente solicita um ou alguns dos seguintes recursos:

- material bibliográfico pertinente,
- demonstração da técnica pelo docente,

— discussão em grupo sobre o tema.

Às vezes decide observar por um novo período de tempo. Eu lhe proporciono o recurso solicitado, ele o utiliza na forma que achar melhor. Não decido por ele e nada lhe cobro.

A seguir ele começa a administrar medicamentos injetáveis à criança, treinando exclusivamente a técnica, isto é, preparo da dose certa, escolha do material apropriado, local de aplicação de acordo com o desenvolvimento da criança. Geralmente nesta fase solicita meu apoio e colaboração para enfrentar a experiência de “picar” uma criança que para ele é uma experiência desconhecida.

À medida que adquire destreza e segurança na execução da técnica, ele começa a descobrir e sentir o sofrimento da criança e a ansiedade da mãe que a acompanha.

Nosso relacionamento, baseado neste clima de respeito e confiança, lhe dá novamente a possibilidade de continuar a se conhecer e compreender e lhe permite verbalizar, sem medo de reprovação ou crítica, sua necessidade de fazer algo para ajudar a criança e sua mãe, junto com reconhecer suas limitações para fazê-lo.

Ele me comunica também sua decisão de administrar medicamentos injetáveis apenas àquelas crianças que ele escolher, determinando, às vezes, inclusive, a faixa etária dessas crianças.

Solicita aqueles recursos que o ajudarão a superar suas limitações, escolhe o método e o material que utilizará e geralmente pede que lhe relate minha experiência no assunto.

Começa a treinar e freqüentemente solicita meu apoio e colaboração, embora, às vezes, me comunique sua vontade de treinar sozinho.

Finalmente, além de aplicar a injeção com a técnica correta, consegue preparar adequadamente a criança, dando o apoio apropriado antes, durante e após a experiência, tanto para a criança como para a mãe, e consegue proporcionar também a orientação pertinente.

COMO SEI QUE O ALUNO CONSEGUIU PREPARAR ADEQUADAMENTE A CRIANÇA? COMO SEI QUE ELE APRNDEU?

Sei que meu aluno conseguiu preparar adequadamente a criança para a experiência quando, durante e após a experiência, percebo uma criança forte, ou seja, uma criança que comunica suas emoções, que faz perguntas, dá sugestões, ou que protesta; e quando vejo uma mãe que é capaz de dar apoio a seu filho ou que solicita a ajuda necessária para poder dar apoio ao filho; quando vejo uma mãe que questiona, que participa.

E sei que o aluno aprendeu quando, ao avaliar sua experiência, ele verbaliza seus sentimentos e as mudanças que ele percebe no seu Eu; mudanças de percepção em relação ao sofrimento da criança; mudanças

em seu comportamento quanto àquilo que ele pode fazer para diminuir esse sofrimento; e mudanças em sua atitude em relação à importância do preparo que a criança necessita para enfrentar experiências difíceis e/ou desconhecidas.

Para finalizar, em poucas palavras: a fim de ajudar o meu aluno a aprender a preparar a criança para enfrentar situações difíceis ou desconhecidas, me preocupo em proporcionar-lhe um clima de compreensão, respeito, confiança e liberdade para sentir, refletir e agir que lhe permita ter e viver experiências significativas, porque apenas quando estas acontecerem ele terá aprendido e crescido como uma pessoa inteira, capaz de analisar criticamente as diferentes situações que enfrente em sua vida profissional.

NEIRA HUERTA, E. del P. Learning how to prepare the child to face difficult experiences. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 17(1):27-32, 1983.

This paper presents some considerations about the importance of nursing students learning to prepare children to face difficult situations. The author focuses on her experience as an instructor of undergraduate nursing students in a children's emergency room. She tells how she perceives the students and his learning experience in preparing children for these situations. She describes how facilitates this learning process for the student, by promoting an atmosphere of understanding, respect, trust and freedom to perceive, reflect and act.